

## A MORTE DE DEUS EM ASSIM FALOU ZARATUSTRÁ

### THE DEATH OF GOD IN THUS SPOKE ZARATUSTRÁ

Aline Grunewald<sup>1</sup>

**Resumo:** O ensinamento do *Eterno Retorno* é o ponto central não só da obra específica *Assim Falou Zaratustra*, mas da obra nietzschiana como um todo. Nesse sentido, ele se encontra como um pensamento final que fora preparado ao longo dos trabalhos do filósofo alemão. Revisando a totalidade de seu pensamento no intuito de compreender de que maneira se chega a esta concepção fundamental, quais são as linhas do desenvolvimento do pensamento que tem o *Eterno Retorno* como ponto de chegada e mesmo como significado, constata-se que é o evento da *Morte de Deus* o fenômeno base para a ascensão do *super-homem*, do destino que é resultado de uma *vontade*, do *Amor Fati* e da aceitação do *Eterno Retorno*. Uma vez que se constata ser a *Morte de Deus* o que condiciona os outros temas da filosofia de Nietzsche e mesmo sua estrutura, o presente artigo tem como intuito explicar sobre as evidências deste evento na obra *Assim Falou Zaratustra*, na qual o protagonista é dito o profeta do *Eterno Retorno*, mas ele só o é uma vez que Deus está morto.

**Palavras-chave:** Nietzsche; Morte de Deus; Assim falou Zaratustra; Eterno Retorno.

**Abstract:** The teaching of *Eternal Return* is the central point not only of the specific work *Thus Spoke Zarathustra*, but also of Nietzsche's work as a whole. In this sense, it could be considered as a final thought prepared along the works of this philosopher. Through a review of the totality of his thought intending to understand how he came to this fundamental conception and what are the developed lines of thought in which the *Eternal Return* appears as an arriving point and also as its meaning, we can observe that the *Death of God* is the fundamental phenomenon in the rising of the *Super-man*, the destiny that is result of a *Will*, the *Amor fati* and the acceptance of *Eternal Return*. Once we can observe the Death of God as a conditioning concept to Nietzsche's philosophic themes and structure, the present work intends to explain the evidences of this event in the piece of work *Thus Spoke Zarathustra*, in which the main character sees itself as the prophet of the *Eternal Return*, but only does so because God is dead.

**Keywords:** Nietzsche; Death of God; Thus Spoke Zarathustra; Eternal-Return.

---

<sup>1</sup> Bacharela em Ciência da Religião (UFJF/2014), bacharela em Ciências Humanas (UFJF/2012), mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAPEMIG). [alinegrunewald@hotmail.com](mailto:alinegrunewald@hotmail.com)

“Existe um lago que um dia se negou a escoar, e formou um dique onde até então escoava: desde esse instante ele sobe cada vez mais. (...) Talvez o homem suba cada vez mais, já não tendo um deus no qual *desaguar*”<sup>2</sup>

## Introdução

O fato de o próprio Nietzsche assumir, em *Ecce Homo*, que a obra do Zaratustra ocupa dentre as suas outras um lugar privilegiado, não deve nos passar despercebido. “Esta obra [o Zaratustra] ocupa lugar à parte” (NIETZSCHE, 2008, p. 85). Nesta espécie de narrativa autobiográfica, na qual o filósofo procura traçar a história de seu pensamento, a doutrina do *Eterno Retorno* é dita a concepção fundamental presente no Zaratustra. “A Concepção fundamental da obra [Assim Falou Zaratustra], o pensamento do eterno retorno, a mais elevada forma de afirmação que se pode em absoluto alcançar” (NIETZSCHE, 2008, p. 79). Se se pode considerar que o ensinamento mais íntimo e profundo do Zaratustra, e, permitindo-se ir além, até mesmo do pensamento nietzschiano como um todo é o *Eterno Retorno*, deve-se também considera-lo como o ponto de chegada de toda uma construção filosófica, “o eterno retorno eleva-se a pensamento unificador de toda a múltipla especulação de Nietzsche” (VATTIMO, 2010, p. 5). Não que seja este o fim da filosofia nietzschiana, como se estivéssemos considerando uma filosófica sistêmica com início e fim. Ao contrário, o *Eterno Retorno* é, para Nietzsche, um ensinamento supremo que impulsiona o início de um novo modo de vivência, na qual a corriqueira concepção linear e progressiva já não subsiste, marcando como essencial a afirmação da vida e de todo seu devir.

O que significa então situar o *Eterno Retorno* como “fim” é considerá-lo lugar de encontro de todos os outros ensinamentos nietzschianos de maneira que ele parece estar sendo sempre preparado, trabalhado, moldado pelas outras questões abertas e defendidas pelo filósofo, como a *Vontade de Potência*, a ideia do *Super-Homem*, o *Amor Fati* etc<sup>3</sup>. “Na verdade, deve-se considerar que, desde o momento em que foi concebido, o pensamento do eterno retorno representou para Nietzsche o próprio significado de seu filosofar, a chave de solução de todos os problemas, sua mensagem ao mundo: Zaratustra é o ‘mestre do eterno retorno’” (VATTIMO, 2010, p. 7).

<sup>2</sup> NIETZSCHE, 2012, p.171.

<sup>3</sup> Por exemplo, no prólogo do Zaratustra o que o profeta vem ensinar é o Super Homem, aquele que afirma a vida e desta forma aceita e vive o *Eterno Retorno* – “o super-homem é o sentido da terra (...) permaneci fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Ou seja, apesar de neste momento Nietzsche ainda não mencionar esta concepção fundamental, o que se nota é que ela está sendo sempre preparada ao longo de seu pensamento (BRUSOTI, 2012).

De tal modo, se o Zaratustra pode ser considerado a grande obra de Nietzsche e o *Eterno Retorno* seu grande ensinamento, importa-nos compreender de que maneira se chega a esta concepção fundamental, quais são as linhas do desenvolvimento do pensamento que tem o *Eterno Retorno* como ponto de chegada e mesmo como significado. Não se atentará aqui para as minúcias do ensinamento do *Eterno Retorno*, que, sendo de extrema riqueza, mereceria uma atenção à parte. Reservaremos-nos a explicar sobre o pensamento que nos conduz a esta concepção, constatando, ao fim, no evento da *Morte de Deus* o fenômeno fundamental para a ascensão do *super-homem*, do destino que é resultado de uma *vontade*, do *Amor Fati* e da aceitação do *Eterno Retorno*, uma vez que é “a morte de Deus, este ‘maior dos acontecimentos recentes’, [que] condiciona tanto os outros temas quanto a estrutura da filosofia de Nietzsche” (MOURA, 2005, p. 1).

## 1 O cristianismo e o problema da metafísica

Já fora anteriormente mencionado que o *Eterno Retorno* é o pensamento que permite a afirmação genuína da vida. Vê-se que, mesmo nesta simplificada caracterização, o valor da vida é algo decisivo na filosofia de Nietzsche e é em prol deste pensamento afirmativo que o filósofo empreende toda sua profunda crítica aos âmbitos da sociedade de sua época. O valor da vida! – desde a elevação de Dionísio em *O Nascimento da Tragédia* é possível perceber a inclinação a uma filosofia afirmativa. O que Nietzsche encontrou na tragédia grega e especialmente no fenômeno do dionisíaco foi, longe de pessimismo, uma vontade de vida, um dizer sim à vida mesmo com suas dores e sofrimentos. “O artista trágico *não* é pessimista – ele justamente diz *sim* a tudo aquilo que é questionável e mesmo terrível; ele é dionisíaco...” (NIETZSCHE, 2012, p. 39). A *afirmação* como fim, como aquilo que se deve buscar e querer, continua presente nos trabalhos seguintes. Não é por outro motivo que Nietzsche declara guerra ao cristianismo em *O Anticristo*, uma religião que nega a vida, que nega o terreno em prol do suprassensível, não poderia mesmo ter outro destino para o filósofo do que o fim. Também no Zaratustra encontramos a exaltação do terreno, o sim a todas as coisas – “eu vos imploro, irmãos, permaneçei fieis à terra” (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

Onde encontramos substancialmente a *afirmação* no Zaratustra? O *Eterno Retorno* é em si a *afirmação*. É a aceitação suprema da transitoriedade da vida, do caos do devir, da vida mesma com suas dores e alegrias. Pois se em Nietzsche podemos perceber como pano de fundo uma filosofia de afirmação da vida, é preciso ter em mente que a vida como ele a

entende é aquela que carrega a confluência das dualidades inerentes à condição humana – sofrimento e alegria, instinto e razão, vida e morte<sup>4</sup>. O *Eterno Retorno* como aceitação de tal condição, é então, o mais alto ensinamento de que o ser humano deve viver de modo a desejar a vida, sempre a exaltando, sem necessitar de algo que a justifique, mas a vivendo de maneira autêntica.

[Zaratustra] como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o “mais abismal pensamento”, não encontra nisso entretanto objeção alguma ao existir, sequer ao seu eterno retorno – antes uma razão a mais para *ser ele mesmo* o eterno Sim a todas as coisas, “o imenso e limitado Sim e Amém”... “A todos os abismos levo a benção do meu Sim”... (NIETZSCHE, 2008, p. 87).

No entanto, se Nietzsche sente a necessidade de anunciar a doutrina do *Eterno Retorno* pela boca de Zaratustra é em contraposição ao tipo ideal que até então se disseminou, o tipo cristão, a vida cristã. Pois o problema substancial de uma época de decadência que se inicia já em Sócrates encontra-se justamente na concepção de fundamento, de uma ordem alheia à vida, mas que a justifica. Concepção esta que tem sua maior expressão na religião cristã com a ideia do Deus fundamento.

O problema que aqui apresento (...) [é] que tipo de homem se deve criar, se deve pretender, como o de mais alto valor, mais digno de viver, mais seguro do futuro. Este tipo de elevado valor já existiu bastantes vezes; mas como um feliz acaso, como uma exceção, nunca como um tipo desejado. Pelo contrário, foi precisamente ele o mais temido até ao presente, quase a própria realidade temível em si – e a partir desse temor o tipo inverso foi desejável, criado, conseguido; o animal doméstico, a rês gregária, o doente animal humano – o cristão. (NIETZSCHE, 2011, p. 14).

É neste ponto que encontramos a mais dura crítica nietzschiana, o próprio “filosofar com o martelo”. Tendo como pressuposto uma atitude afirmativa, a avaliação do filósofo se pauta em considerar se uma ideia ou uma atitude significam degeneração da vida ou vida em plenitude, se são indícios de vida ascendente ou de declínio. E no que diz respeito ao cristianismo ele identificou uma atitude de degradação.

Não sem motivo! Percebe-se que a afirmação da vida alcançada através da aceitação do *Eterno Retorno* expressa uma maneira de conferir sentido imanente àquilo que é imanente. Isto, porém, se contrapõe à tentativa cristã de dar sentido à imanência através do transcendente, metafísico. Ou seja, enquanto de um lado o cristianismo procura significar a existência conferindo-lhe um sentido que se encontra para além dela, Nietzsche, com a doutrina do retorno, insiste que o sentido está na própria existência, e de que não existe necessidade de justificá-la com algo de exterior.

<sup>4</sup> Em *O nascimento da tragédia*, Nietzsche apresenta a vivência dessas dualidades nos gregos antigos a partir das noções de apolíneo e dionisíaco como princípios fisiológicos.

Através do eterno retorno a existência em seu perspectivo presente deveria aparecer “para toda e qualquer pessoa” como plena de sentido. O sentido deveria estar dado em cada instante singular desta vida. Sentido e existência, desejabilidade e efetividade não deveriam mais estar separados. (BRUSOTI, 2012, p. 6).

Um sentido que se contrapõe à realidade, isto é o que o filósofo alemão enxerga essencialmente no cristianismo, em outras palavras, o problema da metafísica. Este tipo de sistema que procura entender a realidade como um todo e tudo o que nela existe a partir do conhecimento de seu fundamento, sua sustentação ou causa última. Tal sistema, já aos moldes de Platão, considera a realidade como dividida em dois âmbitos: o verdadeiramente real e o imperfeito, sendo esse somente o reflexo das ideias perfeitas e eternas numa condição terrena e mutável. Deste modo, segundo a concepção platônica, é no *mundo das ideias*, isto é, na realidade dita verdadeira, onde se encontra o princípio substancial de tudo o que existe, e é para ela que a realidade terrena deve se voltar em busca da verdade. As semelhanças com a concepção de *céu* dentro do cristianismo são muitas. Além disso, o próprio Platão encaminhou para a ideia de que é necessário admitir que exista um ser primeiro que é fundamento do universo, assemelhando-se à ideia de Deus do cristianismo<sup>5</sup>. Foi após Platão que o pensamento se inclinou para a tendência de se pensar a causa da existência para além dela própria.

Para Nietzsche, ainda que a vida seja incessante dor e sofrimento precisamos encontrar, através da arte, por exemplo, mecanismos para transformá-la em *vontade* e não transformá-la em um sistema metafísico que joga para o *além* o seu centro de significado, assim como o fez Platão, e, mais ainda, a religião cristã. Procurando uma solução para o sofrimento da realidade finita e mutável, o ser humano criou um escape metafísico<sup>6</sup>, e por isto toda a humanidade pagou um alto preço. “Incapaz de suportar a marca que traz o transitório, ele [o ser humano] não soube acolher o sofrimento e a dor que lhe são inerentes” (MARTON, 2001, p. 58). É o que Nietzsche identifica como *espírito de vingança* presente no caráter

---

<sup>5</sup> De fato, a diferenciação platônica entre dois mundos e sua percepção de que existe um ser superior e externo à realidade, posteriormente herdada e acrescida pelo modelo aristotélico, foi uma das maiores contribuições gregas para a construção da teologia cristã. Apesar de o princípio abstrato do qual falam não ser estritamente semelhante ao Deus cristão, uma vez que é visto somente como aquilo que garante o sustento da realidade, estes filósofos gregos, pode-se dizer, foram os grandes pais da Igreja. No processo de sistematização da crença cristã, a ideia de ser superior fundamento da realidade foi facilmente associada à do Deus monoteísta, herança do mundo judaico. O Deus da religião passou a ser a causa abstrata, fonte da verdade e da sabedoria e sustentador da realidade.

<sup>6</sup> Platão tentava pôr fim a um problema de sua época que procurava explicar a conjugação entre o finito, mutável, e aquilo que podemos perceber que tem uma identidade fixa. Para isso, segundo Nietzsche, ele se refugiou na concepção de ideal, movimento contrário dos gregos antigos. Esses, por mais que vivenciassem esta dicotomia transformavam toda a angústia e sofrimento da mutabilidade e finitude da existência em impulso para desejar mais vida. Tal impulso vinha da arte trágica que conseguia conjugar os princípios da existência.

religioso, isto é, o ser humano sendo incapaz de aceitar sua condição fabula um outro mundo no qual deposita toda a responsabilidade pela sua situação terrena. Para explicar o devir caótico e mutável, ele pressupõe um fundamento estável, um outro mundo, e, este sim, verdadeiro. “Não ousando assumir pessoalmente a responsabilidade por sua condição, o homem recorre a uma vontade alheia para atribuir essa responsabilidade” (VATTIMO, 2010, p. 36). No entanto, ao transferir o centro da vida para a ideia de um *além* o homem condenou a própria vida.

Não há sentido nenhum em fabular acerca de um “outro” mundo além deste (...). Cindir o mundo em um “verdadeiro” e um “aparente” (...) é tão somente uma sugestão da *décadence* – um sintoma de vida *declinante*. (NIETZSCHE, 2012, p. 39).

Assim, de uma maneira geral, toda a crítica que Nietzsche empreende ao cristianismo está voltada para a concepção de um *além*, que consiste na realidade dita verdadeira, em oposição à realidade terrena, entendida enquanto erro. Tal posicionamento apresenta-se, como se pode notar, prejudicial à vivência da realidade terrena. No conjunto da análise que o autor faz a respeito do cristianismo, fundamentalmente apresentada em *O Anticristo*, vê-se como a ideia de patamar superior, de mundo ideal, reflete na negação da vida. A concepção de pecado, a moral do aperfeiçoamento, a ideia de salvação, de compaixão, e o conceito Deus, todos analisados na mesma obra, são aspectos que revelam a visão negativa que se tem daquilo que é concreto. “Não há que embelezar nem que ornamentar o cristianismo: ele travou uma guerra de morte contra o tipo de homem superior (...), fez da oposição aos instintos de conservação da vida forte um ideal” (NIETZSCHE, 2011, p. 15).

A divisão da realidade em dois níveis, o superior e verdadeiro e o inferior e falso. Todas as noções fundamentais do cristianismo se ancoram nesta percepção dualista, na qual a verdade está sempre vinculada à realidade prometida e, portanto, a prática da vida neste mundo deve visar uma vida no *além*, no *céu*. O conceito mesmo do Deus aparece em contraposição ao mundo terreno e à própria vida. Segundo Nietzsche tal conceito foi criado como oposto à noção de natureza, o “conceito de Deus... A coisa última, a mais rarefeita, a mais vazia é colocada em primeiro lugar, como causa em si, como *ens realissimum* [o mais real dos seres]” (NIETZSCHE, 2012, p. 37). Nesse modo de enxergar a realidade Nietzsche encontra, como já antes evidenciado, um parentesco com o platonismo, a ponto de afirmar que

o cristianismo é platonismo para o povo, ou seja, é uma interpretação vulgar e simplificada do sistema platônico<sup>7</sup>.

Este sistema metafísico herdado e simplificado de Platão cria um entendimento do real segundo o qual o mundo está envolto numa abóboda divina, sendo Deus a peça principal que sustenta toda a estrutura. Nesta visão, o mundo é somente emanção divina. Segundo Nietzsche, porém, a vida e, portanto, tudo o que é nela intrínseca, sofrimento e alegria, morte e vida, deve ser fortemente afirmada, é a realidade que experimentamos que é o real. Por este motivo o filósofo trava uma guerra contra o cristianismo, pois, para que o ser humano se eleve e viva intensamente ele precisa se livrar do mundo fictício da metafísica.

Será preciso desprezar todas as aspirações humanas hostis à vida e amar as propensões em sintonia com os sentidos, os impulsos, os afetos. Será preciso desdenhar tudo o que até então se venerou e, pelo mesmo movimento, afirmar tudo o que até então se negou (MARTON, 2001, p. 55).

Em suma, a guerra que Nietzsche trava contra a religião cristã é uma campanha contra a metafísica, esse tipo de entendimento da realidade que visando o essencial, eterno e imutável acaba por negar a realidade. “A vida nada tem a ver com concepções metafísico-religiosas ou determinações morais (...) ela é apenas mutável” (MARTON, 2001, p. 56).

## 2 A morte de Deus

Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos! (...). Nunca houve um ato maior – e quem viver depois de nós pertencerá, por causa deste ato, a uma história mais elevada do que toda a história até então” (NIETZSCHE, 2012, p. 137-138).

Foi porque Nietzsche entendeu que a história do ocidente é uma história baseada na depreciação de tudo o que é terreno, do devir que é a vida, que ele atacou a estrutura religiosa. Desta estrutura ele percebeu que é na divisão da realidade em dois mundos que se encontra a artéria principal da concepção de realidade que nega a vida, na qual Deus é a peça principal. “Em nome de Deus nega-se a vontade, a espontaneidade (...). Em nome de Deus nega-se o tempo (...). Em nome de Deus nega-se a liberdade ao homem criar um mundo novo” (ALVES, 1972, p. 30). Por este motivo, a *Morte de Deus* é um evento necessário pôr fim ao mundo metafísico do cristianismo.

---

<sup>7</sup> Embora Nietzsche critique em muito o sistema platônico, vê-se que o cerne do problema identificado pelo filósofo se encontra mesmo na metafísica cristã. Isto porque, na transposição da filosofia platônica para a religião a especulação racional da realidade acaba sendo simplificada a termos religiosos, favorecendo, ainda mais, um tipo de vida que se dá em virtude de algo exterior a ela.

Retomando a imagem de Deus como a peça principal que sustenta a abóbada na qual o mundo está envolto, a sua morte representa o esfacelamento de toda a estrutura. Retirar a peça de encaixe que mantém fixa a estrutura, significa que esta não mais consegue se sustentar e vem toda ela abaixo. Assim, todo o mundo forjado pelo cristianismo com sua visão dualista e sua concepção de Deus como sustentador da realidade vem abaixo. A “Morte de Deus’ é o universo perdendo o seu centro” (ALVES, 1972, p. 10), ou seja, é o próprio universo, até então concebido pelo cristianismo, se fragmentando. O evento significa, em última análise, mais do que acabar com a ideia de Deus, mais do que simplesmente fazer guerra ao Deus cristão, é também pôr fim a tudo o que está atrelado a ela. Com a *Morte de Deus* Nietzsche ataca a artéria fundamental do cristianismo, e com isto consegue arruinar o mundo metafísico e dual no qual ele enxergava o principal malefício para a humanidade. É, então, sob a perspectiva do fim da concepção metafísica da realidade que a *Morte de Deus* deve ser entendida.

Nesta perspectiva, a *Morte de Deus* pode ser considerada como expressão final de um movimento presente na história do pensamento conhecido como metafísica. De maneira simplificada, a *Morte de Deus* é uma sentença crepuscular de um movimento que levado ao seu limite chegou ao fim. *Morte de Deus* como a morte da metafísica.

A *Morte de Deus* não deve, então, ser interpretada como um ateísmo, caso contrário Nietzsche só estaria reafirmando a estrutura metafísica. Ler a *Morte de Deus* enquanto confirmação da não existência divina é ainda pressupor um princípio absoluto. “Teísmo, como afirmação da existência do ente Deus, e ateísmo como sua negação, na realidade, são duas expressões de uma mesma visão de mundo” (ALVES, 1972, p. 14). Uma vez que Nietzsche pretende se livrar de um conceito divino que é fundamento da realidade, mas que se encontra fora dela, sua afirmação sobre a *Morte de Deus* não pode ser entendida de outra maneira senão pela perspectiva do fim da metafísica. Ele quer eliminar a concepção dual da realidade, para isto ele investe na condenação ao Deus cristão, mas o conceito da *Morte de Deus* deve ser visto sob uma perspectiva muito mais ampla, como fim de uma maneira de significar a realidade, que, para o filósofo é nociva à vida.

De uma maneira mais simplificada podemos dizer que se o intuito de Nietzsche encontra-se na promoção de uma visão da realidade que seja capaz de afirmar a vida, em contraposição ao modelo metafísico de significação do cristianismo, então, é somente

derrubando as convicções que dão sustentação a esta concepção de mundo, ou seja, é somente “matando” Deus que o filósofo chegará ao seu intuito.

### **3 A Morte de Deus no Zaratustra: o conhecimento fundamental para o Eterno Retorno**

Eliminamos o mundo verdadeiro: que mundo restou? O aparente, talvez?... Mas não! *Ao eliminar o mundo verdadeiro, também eliminamos o aparente!* (Meio dia; momento da sombra mais curta; fim do erro mais longo; ápice da humanidade; **INCIPIT ZARATUSTRA** (grifo nosso) [Começa o Zaratustra]. (NIETZSCHE, 2012, p. 41).

Na conferência de Heidegger intitulada *Quem é o Zaratustra de Nietzsche?* encontramos uma significativa relevância desta obra para o entendimento daquilo que se propõe o presente trabalho. Apesar de assumir que de um certo modo o Zaratustra permanece um enigma que somente se insinua, mas não se mostra, Heidegger liga este personagem poético à figura mesma que consome a metafísica.

“Em todo caso o pensamento até hoje vigente é a metafísica, e o pensamento de Nietzsche, presumivelmente, realiza sua consumação” (HEIDEGGER, 2012, p. 106). Já fora visto de que maneira opera a metafísica e, por conseguinte, de como este entendimento, para Nietzsche, está na contramão do que é propriamente a vida. Tendo isto em vista, se Zaratustra pretende anunciar a doutrina do retorno, este anseio inesgotável pelo persistente devir, ele deve romper com a noção metafísica de diferenciação, já que esta diferença, que como afirma Heidegger é o essencial da metafísica, apresenta-se como ruptura, como fissura. Zaratustra, então, sendo o mestre do *Eterno Retorno*, necessita consumir a diferenciação da metafísica, que enquanto fissura impede a aceitação do permanente devir.

Inscreve-se assim a relevância do Zaratustra de Nietzsche não só para seu tema mais persistente, a saber, do *Eterno Retorno*, como também para a questão da *Morte de Deus*, que é seu ponto de partida. Porque precisa eliminá-la para que se anseie pelo eterno devir, Zaratustra aparece como a figura de consumação da metafísica. Deste modo, se o *Eterno Retorno* é o que está sendo gestado no Zaratustra e, até mesmo, dentro de todo pensamento nietzschiano, a *Morte de Deus* é o evento fundamental que a isto permite.

O prólogo do Zaratustra nos dá a dica. Após dez anos de reclusão, o profeta desce das montanhas para novamente se fazer homem. Zaratustra quer o declínio, como uma taça que para se encher precisa também e ao mesmo tempo esvaziar-se. Ele vem para ensinar o *Super-homem* e anunciar o início de uma nova etapa para a cultura. Entendemos logo o motivo desta

transformação: o conhecimento da *Morte de Deus*. Zaratustra sabe que Deus está morto, e só por isto se coloca o papel de anunciar novos valores.

Zaratustra inicia seu declínio, desce das montanhas. Em seu caminho, logo ao chegar aos bosques, Zaratustra encontra um homem velho recluso na floresta com o qual conversa. Nesta conversa já nos é apresentado o fato de o declínio de Zaratustra se dar devido à necessidade de presentear os homens com uma dádiva, “trago aos homens uma dádiva” (NIETZSCHE, 2011, p. 12). Mas esta dádiva só é possível porque “o maior acontecimento recente” já se realizou. O velho não entende porque Zaratustra retorna, insisti que se deve viver em reclusão, longe dos homens, para assim ficar mais próximo de Deus. “Por que, disse o santo, fui para o ermo e a floresta? Não seria por amar demais os homens? Agora amo a Deus” (NIEZSCHE, 2011, p. 12). Percebe-se como o velho sábio ainda está imerso na cultura platônico-cristã, assim como um dia talvez o próprio Zaratustra estivesse, e por isso abandonou sua terra natal em direção às montanhas.

“Mas, quando Zaratustra se achou só, assim falou para seu coração: ‘Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que Deus está morto!’” (NIETZSCHE, 2011, p. 13). De fato Zaratustra sabe da *Morte de Deus*, sabe que o mundo suprasensível e tudo aquilo que se encontrava legitimado por ele se ruiu. A partir deste conhecimento ele pode levar aos homens um presente, o anúncio do *Super-Homem*, e o ensinamento que a isto está ligado, o *Eterno Retorno*. Se talvez o que tenha motivado Zaratustra a abandonar sua terra natal e rumar para a montanha foi a crença no Deus cristão, analogamente o que o motiva a declinar e novamente se fazer homem é o conhecimento de que este Deus está morto.

No aforismo intitulado *Dos transmundos*, Zaratustra fala a respeito de se forjar uma realidade celestial, “aquele desumanado mundo inumano” (NIETZSCHE, 2011, p. 33), em contraposição a este mundo, dito imperfeito, e confessa que ele próprio assim enxergava a realidade. “Este mundo, o eternamente imperfeito, imagem de uma eterna contradição, e imagem imperfeita (...) assim me parecia outrora o mundo” (NIETZSCHE, 2011, p. 32). Por este motivo, Zaratustra foi para os montes, mas estando lá conseguiu ele se livrar desse fantasma do transmundo. Para ele, uma tal atitude de se voltar para “aquele mundo bem escondido dos homens” (NIETZSCHE, 2011, p. 33) é desviar o olhar e perder-se a si próprio. Em contrapartida, Zaratustra, ao superar o sofrimento dos transmundos, encontrou a si mesmo

na terra, no sentido da terra, e não mais nas coisas celestiais. Isto posto, Zaratustra retorna, e retorna porque já existe o sepulcro divino.

Zaratustra sabe da falência do divino cristão e por isto se põe o desafio de fazer a travessia do niilismo para uma nova e autêntica forma de significação. Assim como após iluminar a terra o sol se põe no horizonte, Zaratustra, após fartar-se de sabedoria, volta para entre os homens. Percorre o caminho do cume às profundezas somente porque tem a sabedoria. É pelo excesso que precisa esvaziar-se.

Mais adiante nos deparamos com outra passagem onde Zaratustra se refere à *Morte de Deus*. Em seu discurso para as pessoas que estavam reunidas na praça à espera do equilibrista que andaria sobre uma corda, ele reforça: “Uma vez a ofensa a Deus era a maior das ofensas, mas Deus morreu, e com isso morreram também os ofensores” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Nesta parte, o discurso de Zaratustra se concentra no ensinamento do *Super-Homem*, e como se vê, mais uma vez, é o evento da *Morte de Deus* que possibilita esta superação do homem. Na continuação da passagem lemos: “Ofender a terra é agora o que há de mais terrível” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Fidelidade a terra é a característica do *Super-Homem*, que só é alcançada graças à *Morte de Deus*. A partir deste evento é possível a transvaloração dos valores cristãos. Uma vez que se quebra com a dualidade da metafísica, o que se tem agora é somente a terra, e é ela o que há de mais valoroso.

Ao dirigir-se pela primeira vez aos homens, o profeta do *Eterno Retorno* não é compreendido: “depois de falar essas palavras, Zaratustra olhou novamente para o povo e calou. ‘Aí estão eles e riem’, falou para seu coração, ‘não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos’” (NIETZSCHE, 2011, p. 17). Uma semelhança com o *Homem Louco de A Gaia Ciência*, que ao anunciar em gritos incessantes a *Morte de Deus* acaba sendo mal interpretado, “nesse momento silenciou o homem louco, e novamente olhou para seus ouvintes: também eles ficaram em silêncio, olhando espantados para ele. ‘Eu venho cedo demais’, disse então, ‘não é ainda meu tempo (...)’” (NIETZSCHE, 2012, p. 138). Nestes aforismos, podemos notar que o que é anunciado é um evento já ocorrido, mas do qual os homens não têm completa consciência. A ideia de Deus já está aqui eliminada, porém, o evento de sua morte significa algo muito maior do que aquilo que os homens conseguem mensurar.

O *Homem Louco* mesmo já nos indica que a história após a *Morte de Deus* será uma história muito mais elevada, uma história da aceitação dos valores vitais, pois a vida justifica-

se por si mesma, não há necessidade de nada externo para justificá-la. “Nunca houve um ato maior – e quem vier depois de nós pertencerá, por causa deste ato, a uma história mais elevada que toda história até então” (NIETZSCHE, 2012, p. 138). Aquilo que virá após este grande ato é trazido por Zaratustra, o mestre do *Eterno Retorno* e do *Super-Homem*.

### Considerações Finais

Em que medida, então, a morte de Deus pode significar a oportunidade de uma nova estruturação de sentido, que agora seja fidedigna à realidade? É porque o fim do pensar metafísico, atingido a partir do anúncio da *Morte de Deus*, esfacela os valores com os quais se significava a vida que o homem pode se vê em uma situação de liberdade para iniciativa no mundo. Isto é, a partir da percepção de que não existe uma ordem suprassensível, o ser humano tem a oportunidade de criar uma nova significação para a realidade, significação esta trazida por Zaratustra no ideal do *Super-Homem*, o qual, contrário ao homem cristão, afirma a realidade que é terrena, unicamente terrena.

Deste modo, Zaratustra complementa o *homem louco* e dá continuidade ao projeto nietzschiano de transvaloração de todos os valores, “transvalorar é, antes de mais nada, suprimir o solo a partir do qual os valores até então foram engendrados” (MARTON, 2001, p. 75). Enquanto o *Homem Louco* anuncia o evento do Deus morto, Zaratustra, tendo dele conhecimento, pretende anunciar uma nova concepção de humanidade na qual o homem torna-se criador de si mesmo, em consonância com a terra e com a própria vida.

### Referências

- ALVES, Rubem. Deus Morreu – Viva Deus! In: *Liberdade e Fé*. Rio de Janeiro: Editora Tempo e Esperança, 1972.
- BRUSOTI, Marco. O eterno retorno do mesmo em Assim Falou Zaratustra. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 149-167, jul./dez. 2012.
- HEIDEGGER, Martin. Quem é o Zaratustra de Nietzsche? In: *Ensaio e Conferências*. Tradução: Emanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel; Maria Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.
- MARTON, Scarlett. *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Sendas e Veredas, 2001.

MOURA, Carlos A. R. *Nietzsche: Civilização e Cultura*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *Ecce Homo*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Anticristo*. Tradução: Arthur Morão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

\_\_\_\_\_. *O Crepúsculo dos Ídolos ou com se filosofa com o martelo*. Tradução: Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2012.

VATTIMO, Gianni. *Diálogo com Nietzsche: ensaios 1961-2000*. Tradução: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Martins Fontes, 2010.